

A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.146

Redacção, Administração e Tipografia

Terça feira, 22 de Agosto de 1922

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhava-Lisboa — Telefones 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor — Carlos Maria Coelho

PREÇO — 10 CENTAVOS

O EXÉRCITO MANDA . . .

Historia-se um acontecimento grave e extraem-se proveitosas conclusões

São freqüentes os apetites autocráticos dos governos da república. Nenhuns são tão ciosos do princípio da autoridade. Chegam a considerar-se infalíveis, imponíveis, imutáveis, O Terreiro do Paço nestes doze anos de república, transformou-se simbolicamente numa espécie de Vaticano, havendo em cada estadista a tendência de ser uma espécie de papa. Só falta em matéria de intransigência, que elas não acatassem os elementos materiais e a seu talante decretasse o sol ou a chuva, o frio ou o calor, o céu nublado ou o céu limpo.

Essa intransigência que obriga a absurdos, que ultrapassa todas as noções de imprevidência, que vai quasi até ao abismo, acaba de ser quebrada, estilhacada à vontade duma força social que na forma bruta, derivante da obediência mortífera e da posse dos engenhos mortíferos baseia o seu formidável querer e o seu grande poder.

No entanto o governo não transigiu com os interesses dos consumidores, negando-se a dar-lhes razão, chegando ao ponto de apelar de desordeiros as classes operárias que num enérgico, consciente e coerente movimento de protesto afirmaram a sua vontade de não morrer esfomeadas e envenenadas em holocausto aos mao-giros ladrões e envenenadores.

Lloyd George transigiu com os irlandeses, rebeldes à soberania inglesa e cuja rebeldia foi até às mais extremas ações no campo violento da luta ilegal.

O conhecido estadista inglês, apesar da sua enorme reputação, de ser o dirigente poderoso duma nação poderosíssima, de ter a máquina do Estado explodidamente montada não hesitou, nem recorreu transigir com os ferroviários que lançaram a Inglaterra na perspectiva sombria duma greve que paralisaria todas as comunicações e toda a sua vida industrial.

O sr. António Maria da Silva, dirigente dum país pequeno empobrecido, atraçado, com o seu sistema monetário desvalorizado, com a máquina do Estado espatifada, negou-se a dar a razão que assistia à classe operária, negou-se ao que ele considera transigência.

Esta atitude cujos prejuízos descessários se torna encarecer, cujas consequências funestas não são difíceis de prever, foi mantida bravamente de tudo, contra tudo, apesar de tudo.

O governo pretendeu demonstrar que não ceda a ninguém,

COLISEU DOS RECREIOS
HOJE - as 21 (9 horas) e HOJE
Despedida da companhia italiana de opereta
Festa artística da notável soubrette
Dora Theor
Com o 1.º acto da aplaudida
opereta

ONDE CANTA A COTOVIA...
O 2.º acto da opereta de grande
sucesso

S! 1

e o 2.º acto da célebre opereta
ÁGUA SERENA
Torna parte obscuramente neste
espectáculo a distinta cantora portuguesa

D. Manuela Pinto Basto
que conta algumas romances do seu
variado repertório lírico

O aplaudissimo actor cómico Ar-
mando Gianni e todo o corpo de
baile-dança - **Tarantela napoletana**

O espetáculo mais artístico, mais
variado e mais barato de Lisboa.

cam as suas reposições directamente no
Banco de Portugal, como o faziam até

1915, pois assim terminaria a ilegalidade.

Juigo ser isto o sentir do exército, juigo ser o sentir da nação, juigo ser o sentir de toda a gente honrada; porém só o não entende assim o sr. Correia Barreto o qual longe de proceder contra os criminosos, e de elogiar a minha

atitude, arbitrariamente e sem que para isso poder tivesse mandado averbar 15 dias de prisão na minha limpa e boa filha de serviço, a fim de talvez me amedrontar e fudo ficar encoberto. Não recendo porém em sua ex.º, nem nenhum de seus agentes que teme compariado nos seus crimes, e tendo conhecimento que alguém do desvio de 4 contos de réis que o sr. general Correia Barreto levantou para suas despesas, foi ordenada uma falsificação em documentos públicos; eu, consciência de meu dever e honrando o exército, novamente apresentei queixa, (2.º via) em juizo.

A Nação poi que faça o seu juizo, lembrando sómente que a Constituição da República determina ser a lei igual para todos, e enquanto no Depósito de Adidos e no Forte da Trataria se encontram presos diversos oficiais incriminados por diferentes delitos.

O sr. general Correia Barreto e seus agentes, que além de diversos crimes estavam incursos no art. n.º 11 da lei n.º 226 de 27 de julho de 1914 contraformem os acusos e tenho provas testemunhais e documentais, continuam livres da Justiça e passando como se fossem as pessoas mais honestas dessa Pátria.

a) **Alfredo de Sousa Azevedo**, ferido

de desastre na guerra.

Horário de trabalho

Nos Bairros Sociais

O tenente coronel sr. Pimentel, presidente perpétuo dos B. S. que ganha quando desempenha o cargo e ganhou quando esteve demitido, tem por lá praticado disparates a torto e a direito.

Esquece-se a lapa que agrada está ao rochedo dos Bairros que o Estado

decreto as 8 horas de trabalho e obriga iniquamente os que lhe estão subordinados a trabalhar 12 horas.

Trata-se do mesmo indivíduo que garneceu os bairros com guarda república e que parece ter a ideia de atentar contra todos os que não gozam dos favores da política, como é goza mais do que devia os favores do orçamento.

Um esclarecimento

Veio a esta redacção o ferroviário do Sul e Sueste Artur Cândido Ferreira, para nos dizer que não é nem nunca foi pártrido de nenhum agrupamento que hostilise ou negue às classes operárias os direitos que lhes pertencem, tanto mais que nelas está integrado como trabalhador que é.

Mais nos pediu para afirmar que nutre por elas a maior simpatia, porque no seu meio sempre tem vivido a mesma vida de dores e sofrimentos, pelo que obteve amparado do negro pão cotidiano.

Registamos com prazer esta declaração.

A BATALHA

no Barreiro vende-se na leitura Lá vai

Rua Joaquim Antônio de Aguiar.

Vidil declara que a sociedade futura não poderá realizar-se senão sobre o plano económico. O plano político já não se conta com ele. Vidil sente que a propósito da questão internacional a Revolução russa seja posta em questão. No que respeito à Internacional Sindical Vermelha, Vidil diz que não se pode aderir ao artigo 11 não desaparece os estatutos.

Chega a vez de Boudoux, dos independentes, exprimir o seu ponto de vista. Boudoux recorda a história do sindicalismo, e tira das conclusões que aplica à situação presente e que é conforme, afirma ele, à do Congresso de Amiens.

Discurso de Losovsky

Tinha Boudoux acabado de falar, quando Cadeau anuncia ao Congresso que o camarada Losovsky, secretário geral da Internacional Sindical Vermelha, se encontra na saia e vai usar da palavra.

Losovsky está na tribuna. Os congressistas levantam-se para o saírem e para acolham a revolução russa; cantam-se a Internacional.

Um anarquista, Content, grita: «Abai xo os ditadores!», após o que a fracção anarquista e federalista entoa a Revolução que todo o Congresso repeve.

Acalmada a emoção, Losovsky começa o seu discurso que a seguir publicamos na íntegra:

«Nós, os Barreiros vende-se na leitura Lá vai, Rua Joaquim Antônio de Aguiar.

«Vidil declara que a sociedade futura

não poderá realizar-se senão sobre o

plano económico. O plano político já

não se conta com ele. Vidil sente que a

propósito da questão internacional a

Revolução russa seja posta em questão.

No que respeito à Internacional Sindical Vermelha, Vidil diz que não se

pode aderir ao artigo 11 não desaparece os estatutos.

Chega a vez de Boudoux, dos indepen-

dentes, exprimir o seu ponto de

vista. Boudoux recorda a história do

sindicalismo, e tira das conclusões que

aplica à situação presente e que é con-

forme, afirma ele, à do Congresso de

Amiens.

Discurso de Losovsky

Tinha Boudoux acabado de falar,

quando Cadeau anuncia ao Congresso

que o camarada Losovsky, secretário

geral da Internacional Sindical Ver-

melha, se encontra na saia e vai usar

da palavra.

Losovsky está na tribuna. Os congre-

sistas levantam-se para o saírem e para

acolham a revolução russa; cantam-se a

Internacional.

Um anarquista, Content, grita: «Abai xo os ditadores!», após o que a fracção

anarquista e federalista entoa a Revolu-

ção que todo o Congresso repeve.

Acalmada a emoção, Losovsky come-

ça o seu discurso que a seguir publica-

mos na íntegra:

«Nós, os Barreiros vende-se na leitura Lá vai, Rua Joaquim Antônio de Aguiar.

Pensei com perfeito conhecimento de

CONTOS DE "A BATALHA"

UM BRINDE ENCANTADOR

POR ALEXANDRE KUPRIN

O ano 200 da nova era enegava a seu tempo. Só faltavam quinze minutos para a hora em que, no mesmo mês e no mesmo dia, duzentos anos antes, o velho Estado governado segundo o velho sistema; o país mais obstinado, conservador e rotineiro — ao que parece, a demanda — havia finalmente renunciado ao seu chauvinismo cego, e com alegria desenunciada o carvão, cujas minas se tinham esgotado muito tempo antes. Fazia desaparecer completamente as chaminés, que envenenavam o ar e matavam com o seu fumo, as flores, as arvores e arbustos, verdadeira alegria da terra. Entim, fazia milagres no respeitante à agricultura e multiplicava as colheitas.

Mas em parte alguma se festejava a entrada do Ano Novo com tanto respeito e alegria como nos polos Norte e Sul nas estações centrais da grande associação Electro-Magnética.

Durante os últimos trinta anos, milhares e milhares de engenheiros, de mecânicos, de técnicos, de astrônomos, de matemáticos, de arquitetos e de outros sábios especialistas tinham trabalhado infatigavelmente na realização da sua heróica e grandiosa ideia do século XXII. Acaravam o projeto de converter o globo terrestre num gigante bobina electro-magnética, e nessa intensão haviam-no envolvido de Norte a Sul numa espiral de fio metálico retilíneo de *cauchoue*, cujo comprimento aproximava de quatro mil milhões de quilômetros. Em ambos os polos construiram dinâmos de incrível potência e uniram todos os pontos da superfície do planeta com inúmeros fios.

Não só os habitantes da Terra, como também os de outros planetas com os quais a Terra estava em constantes relações, haviam seguido com interesse apaixonado a marcha dos trabalhos. A uns, a empreza da Associação inspirava-lhes grande desconfiança, e a outros, inspirava-lhes horror.

Mas a Associação acabava de revelar lentamente o seu projeto gigantesco, triunfando de todas as previsões possíveis. Rebeco o consentimento da sociedade o presidente premiu com o dedo

um botão elétrico que havia sobre a mesa.

O *terráu* iluminou-se imediatamente com uma luz interior deslumbrante, e dir-se-ia que logo se dissipou. Em seu lugar apareceu de pronto outra sala também magnífica, também plena de gente sentada em redor de mesas admiravelmente servidas. Uns e outros seres humanos — todos belos, fortes, alegres, vestidos com esplendor — se reconheciam, trocavam sorrisos, saudavam-se, levantando as suas taças, através dum distânciam de 20.000 quilômetros. Mas, em virtude do ruído geral, dos risos sonoros, nem uns nem outros ouviam a voz dos amigos distantes.

O presidente, então, levantou-se de novo e manifestou com um gesto que desejava falar. Todos a um tempo emudeceram nos dois extremos do mundo. Eis o que disse o presidente:

— Minhas queridas irmãs e queridos irmãos! Vós, encantadoras mulheres, a quem admiro com paixão, e vós, a quem amei noutro tempo e por quem o meu coração está cheio de gratidão, escutai.

— Glória à vida eternamente jovem, bela, inexgotável! Glória ao homem, único deus da terra! Glória ao seu coração, espírito imortal!

Olhos, amigos, soberbos, alegres, audazes, seguros de vós mesmos — um grande afeto enche o meu coração.

O nosso pensamento não consegue obstantos, nada pode opôr-se aos nossos desígnios. Não há entre nós submissão, nem dominação, nem zelos, nem hostilidade, nem violência, nem engano.

Todos os dias se desvendam mistérios ante os nossos olhos e a ciência desenvolve-se dumha forma admirável. Nem mesmo a morte nos espanta já, porque abandonamos a vida sem que a velhice nos tenha desfigurado, sem que se pinhas nos nossos olhos um horror selvagem, heróis de alma nobre, independentes, dispostos ao sacrifício. Não sei como explicar como podiam nascer em

três paredes da sala eram opacas, mas a quarta, para a qual o presidente voltava o dorso, era uma espécie de *écran* de projeção, quadrado, dum cristal extremamente fino e brilhante.

Rebeco o consentimento da sociedade o presidente premiu com o dedo

formosos, semelhantes a deuses, sorridentes. Não choramos desesperadamente os nossos últimos dias; como viajantes cansados, cermos docemente os olhos. O nosso trabalho é uma delícia. O nosso amor, quebradas as cadesas da escravatura e da trivialidade, lembra os amigos flores: tan liva e belo é. E o nosso único soberano é o gênio do Homem.

Aliás, caros amigos, o que estou dizendo são vulgaridades, cousas que todos a gente conhece há tempo, mas não posso falar-vos doutra maneira. Esta manhã li um livro que tinha tanto de interessante como de horrível: *A História das revoluções do século XX.*

Várias vezes, durante leituras, pregunhei a mim próprio: «Será isto um conto fantástico?» Tão inverossímil, tan estúpida, tan plena de horror me parecia a vida dos nossos antepassados.

Sim, meus amigos: aquelas gentes de quem nos separam nove séculos pareciam serpentes venenosas, encerradas num mesmo jaula. Viciosas, sujas, infecadas de morbos, feias, cobardes, malvadas, usavam umas às outras sem cessar, rebuavam um pedaço de pão e escondiam-no em esconderijos recatados para que um terceiro não lesse; propriavam-se da terra, da água, dos bosques, das casas, até do próprio ar.

Ambiciosos, apoiando-se em hipócritas religiosos, em ladrões e impostores, evinham multidões de escravos miseráveis a matar-se mutuamente, e viviam como parasitas sobre a podridão da decomposição social. E a terra, tan grande, tan bela, era para aqueles homens sombria como uma prisão, e nela o ar era pesado como uma caverna.

Mas naquela época terrível, junto das bestas de carga, juntou dos escravos covardes e sem dignidade, erguiam-se de quando em quando homens altivos, heróis de alma nobre, independentes, dispostos ao sacrifício. Não sei

como explicar como podiam nascer em

tal época vil, vergonhosos. Naquelas

tempo sanguinários, quando nem o lar era um abrigo seguro para ninar, quando a violência e o assassinato eram pagos com abastança, aqueles heróis, em sua santa loucura, gritavam: «Abaixo os tiranos!»

E o seu sangue tingia as pedras das calçadas e dos passeios; os infelizes perdião a razão nos calabouços; morriam enfurecidos, fuzilados. Renunciavam gostosamente a todas as alegrias da vida, excepto à de morrer pela liberdade das gerações futuras.

«Não vedes, caros amigos, esse pedestal de cadáveres humanos, sobre o qual assenta o nosso luminoso presente, com aquele horrível, temeroso passado? Não fazes uma ideia desse terrível

maré de sangue cujas ondas levaram a Humanidade ao mar radiante e vasto da felicidade universal?»

— E o seu sangue tingia as pedras das

calçadas e dos passeios; os infelizes

perdião a razão nos calabouços; morriam enfurecidos, fuzilados. Renunciavam gostosamente a todas as alegrias da vida, excepto à de morrer pela liberdade das gerações futuras.

— E todos beberam em silêncio.

Mas uma mulher de maravilhosa beleza, que estava sentada junto do orador, abraçou-se de repente a ele e começou a chorar dolorosamente. E quando o orador lhe perguntou porque chorava, respondeu-lhe com branda voz:

— A despeito de tudo, eu desejaria ter vivido naquela época terrível... com elas... com os mártires...

Alexandre KUPRIN

Rendimentos dos operários

Ontem, na oficina de serraria da direção do material de guerra de marinheira, o serralheiro Joaquim Baptista foi colhido pela roda dentada do limador, sofrendo um grave ferimento na coxa interna. Sendo conduzido ao posto médico foi ali pensado e depois conduzido num automóvel para o hospital de marinheira, onde ficou em tratamento.

A propósito, registaram que, quando o Arsenal da Marinheira, se dão factos desta natureza, se nota uma grande deficiência no serviço de transporte dos feridos, deficiência que desaparece com a aquisição de um auto-maca, alias já várias vezes requisitado pela direção fábrica, por insistência do Sindicato do pessoal.

Esperam que as instâncias superiores não continuem preterindo o assunto.

— Na enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José, deu entrada, Joaquim Diniz de 23 anos, natural e residente em Casilhas, que, nas obras do novo Arsenal da Marinheira, no Alfeite, caiu, ficando muito contuso pelo corpo.

— Na enfermaria de S. Francisco do hospital de S. José, deu entrada, Joaquim Diniz de 23 anos, natural e residente em Pórtalo Salvo, que ali caiu da carroça que guiava, fracturando a perna esquerda.

Fatos diversos

Assumiram ontem os comandos: do contra-torpédiero «Guadiana», o capitão-tenente sr. António de Campos Návarro; do navio de guerra «Líder», o capitão-tenente sr. Branco e Brito, e interimamente do torpedeiro «Avem», o segundo tenente sr. Viana.

— O novo conselho de guerra de marinheira sá composto do capitão de marinheira sr. Gomes da Costa, presidente; capitão-tenente sr. Fernandes Lopes, primeiros tenentes srs. Cunha Gomes, Correia de Sousa e Rocha Pinheiro Júnior, e dos segundos tenentes srs. Silva Moreira e José Manuel de Figueiredo.

Torneiro de metais

PRECISA-SE: Largo do Convento da Encarnação, n.º 3.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

Admissão de pessoal operário

Agressões

Na sala de observações do banco do hospital de S. José, onde foi conduzido um auto da Cruz Vermelha, deu entrada, António Pedroso Junior, de 29 anos, natural de Almada, e residente em Carriço, taneiro, que na quinta do Alfeite, onde havia ido com uns amigos assistir às festividades que ali se realizavam a favor das viúvas e filhos dos operários das obras do novo arsenal da marinha, foi agredido por um desconhecido. O agressor foi preso.

— No banco do hospital de S. José, foram pensados, segundo depois para: Scrafim Pereira, de 11 anos, natural de Lisboa, e residente na ruia da Guia, 32, que na mesma, à porta da sua padaria, foi agredido, ficando ferido na cabeça, e António José Mendes, de 50 anos, natural do Cartaxo, e residente na calçada da São João, 33, que numa obra onde trabalha no bairro Carriço, foi agredido pelo mestre, ficando ferido na cabeça.

— Num auto da Cruz Vermelha, conduzido ao hospital de S. José, em que o banco, foi operado pelos drs. Ricardo Jorge, Sabino Pereira e Américo Durão, recolhendo depois à enfermaria de Santo António, Ernesto Abrantes, de 37 anos, descarrador, natural de Oliveira do Hospital, e residente na rua Miguel Pais, 61, no Barreiro, que, alentejando-se desavindo com um guarda do caminho de ferro, de nome António, foi por este agredido com uma facada no ventre.

— Depois de operado no banco do hospital de S. José, pelos drs. Ricardo Jorge, Sabino Pereira e Américo Durão, recolheu à enfermaria de Santo António, Francisco do Vale, de 49 anos, balcador, natural e residente na Panqueira, concelho de Torres Vedras, que quando acendeu a sua fumaça, Maria de Piedade, na ocasião em que o marido desto, João Ezequiel, a tentava agredir, foi feito com uma facada no ventre, pelo Ezequiel.

— Em despedida da companhia, realizou-se hoje, no Coliseu dos Recreios, a festa artística da notável soubrette Dora Thérèse com o 1.º acto da opereta de grande sucesso *Onde canta a cotovia...*, e os 2.º actos das apudíssimas apreteras *Sí! e Águas serena* que tanto agrado tiveram do público. Por definição com a festejada torma parte obsequiosamente no espetáculo de hoje a distinta cantora portuguesa sr. D. Manuela Pinto Basto que cantará várias românticas do seu repertório, dançando o notável actor cômico Armando Granja, uma *Tarantela napolitana* com todo o corpo de baile e a tóda a orquestra.

— Estão marcadas para hoje no teatro Chiado, Terrasse as primeiras representações da incomparável revista *Trolard*, original de Ascenção Barbosa e Abreu e Sousa.

— São esperados hoje no Tejo os vapores: «Mocambique», procedente dos portos africanos, e «Lima», de regresso da Madeira e Açores.

— Esta redacção veio António Pinto Barrar — nos que tendo na madrugada de ontem saído de sua casa, foi na rua da Rua Agredido por cinco polícias, sem motivo algum, sem que sequer tivesse havido uma troca de palavras.

— As polícias fizeram-se, segundo se firma, para manter a ordem, mas quem os livra das desordens que elas provocam e dos crimes que elas praticam?

— Uma brutalidade policial

A esta redacção veio António Pinto

Barrar — nos que tendo na madrugada de ontem saído de sua casa, foi na rua da

Rua Agredido por cinco polícias, sem motivo algum, sem que sequer tivesse

havido uma troca de palavras.

— As polícias fizeram-se, segundo se

firma, para manter a ordem, mas quem os

livra das desordens que elas provocam e dos crimes que elas praticam?

— Uma brutalidade policial

A esta redacção veio António Pinto

Barrar — nos que tendo na madrugada de ontem saído de sua casa, foi na rua da

Rua Agredido por cinco polícias, sem motivo algum, sem que sequer tivesse

havido uma troca de palavras.

— As polícias fizeram-se, segundo se

firma, para manter a ordem, mas quem os

livra das desordens que elas provocam e dos crimes que elas praticam?

— Uma brutalidade policial

A esta redacção veio António Pinto

Barrar — nos que tendo na madrugada de ontem saído de sua casa, foi na rua da

Rua Agredido por cinco polícias, sem motivo algum, sem que sequer tivesse

havido uma troca de palavras.

— As polícias fizeram-se, segundo se

firma, para manter a ordem, mas quem os

livra das desordens que elas provocam e dos crimes que elas praticam?

— Uma brutalidade policial

A esta redacção veio António Pinto

Barrar — nos que tendo na madrugada de ontem saído de sua casa, foi na rua da

Rua Agredido por cinco polícias, sem motivo algum, sem que sequer tivesse

havido uma troca de palavras.

— As polícias fizeram-se, segundo se

firma, para manter a ordem, mas quem os

livra das desordens que elas provocam e dos crimes que elas praticam?

— Uma brutalidade policial

A esta redacção veio António Pinto

Barrar — nos que tendo na madrugada de ontem saído de sua casa, foi na rua da

Rua Agredido por cinco polícias, sem motivo algum, sem que sequer tivesse

havido uma troca de palavras.

— As polícias fizeram-se, segundo se

firma, para manter a ordem, mas quem os

livra

